5.° ANO — LISBOA—QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1925 — N.° 1404

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.° Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

PELAS 4 horas da tarde de hoje faleceu o sr. Joaquim Basilio Cerveira e Sousa de Albuquerque e Castro. Com ele desapareceu uma das figuras mais curiosas, um dos burocratas e politicos de mais relevo na vida da Republica.

O sr. Cerveira de Albuquerque era oficial distintissimo da arma de engenharía, onde ocupava actualmente o posto de general, tendo tido as mais altas e destacantes situações como profissional ilustre e militar brioso e disciplinado.

A sua carreira foi, até determinado momento, desconhecida do grande publico. Militando num dos partidos politicos da Monarquia, o seu conselho atendiam-no os correligionarios, e o seu ataque temiam-no os adversarios, uns e outros reconhecendo, egualmente, o valor da sua inteligencia e a inteiresa do seu caracter.

Proclamado o novo regimen, o sr. Cerveira de Albuquerque manteve-se afastado das lutas da politica, parecendo até desinteressar-se da marcha da governação publica. Até que o chefe do partido democratico o foi convidar para sobraçar uma pasta de ministro num governo da sua presidencia.

Então o sr. Cerveira de Albuquerque passou a exercer uma acção efectiva no campo politico e administrativo, tendo a sua passagem pelas pastas da Guerra e Colonias sido assinalada por alguns actos de energia e de inteligencia.

O general Cerveira de Albuquerque foi até ha muito pouco tempo filiado, tendo-se revelado sempre soldado disciplinadissimo, do P. R. P. Ha alguns mezes, porem, e em consequencia de incidentes que com a sua carreira burocratica se prendiam, abandonou o P. R. P. e filiou-se no Partido Presidencialista, tendo acompanhado os seus novos correligionarios quando estes se arregimentaram nas fileiras do nacionalismo.

Regia ainda agora no Instituto Industrial de Lisboa a 11.ª cadeira (Estradas e Caminhos de Ferro).

Mas o general Cerveira de Albuquerque revelou-se, sobretudo, um burocrata e um funcionario de extraordinarias qualidades no desempenho do seu cargo de secretario geral das Colonias. Auxiliar dedicado de quasi todos os ministros, conhecedor dos problemas que pela sua secretaria corriam, ha de ser dificil preencher a vaga por ele deixada num dos mais importantes departamentos da administração publica portuguesa.

A' familia enlutada apresenta o *Diario de Lisboa* a expressão sentida do seu pezar.

* * *

O PROFESSOR Hartmann propoz-se descobrir o local em que jaz sepultada a antiga cidade de Paleopolis, tragada pelas aguas do mar Jonio.

Para esse efeito, inventou um aparelho de imersão, que comunica com o exterior por meio da T. S. F.

Obteve algumas vistas cinematograficas, que os entendidos classificam de admiraveis.

Espera ele, dentro de pouco, encontrar-se sobre as ruinas da cidade, onde as mulheres se coroavam de lirios e rosas, para que os seus filhos fossem formosos.

Se as suas esperanças se realisarem, caber-lhe-ha a gloria de arrancar ao mar um dos seus segredos mais intimos—uma cidade em que as casas e os templos, as academias e os ginasios se converteram em jardins de algas e conchas para as bodas das Nereides.

Caminhos de Ferro de Benguela

Os jornais da manhã espalharam a noticia de que o sr. ministro das Colonias estuda com atenção o caso do Caminho de Ferro de Benguela, para lhe dar despacho pronto.

Faz muito bem o sr. general Vieira da Rocha, tanto mais que o problema é duma grande simplicidade.

Confiamos tanto na sua acção patriotica, como no seu zelo.

O *Diario de Lisboa* não anda fazendo uma campanha contra o sr. Williams, pois sómente trata de acautelar os interesses do país, que entende deverem estar acima de quaesquer outros.

Nem mesmo pede que se intrometam outras entidades na construcção do caminho de ferro: fique o sr. Williams concessionario unico.

Reputamos, porem, excessivo que, depois de ter despedaçado o contracto primitivo, obtendo vantagens e favores absolutamente gratuitos, ainda agora se lhe entregue de mão beijada um novo alargamento de prazos.

E', porventura, uma violencia ou uma arbitrariedade que, em troca, ele dê compensações justas e razoaveis á provincia de Angola?

Dizem-nos que, actualmente, as nossas colonias correm grandes perigos, sendo, portanto, de elementar prudencia que não os agravemos com gestos inconsiderados.

Parece-nos que, neste assunto, além dum tumultuoso delirio de imaginação, se nota tambem uma velha pecha nossa, que consiste em resolver as questões pelo processo mais facil, afim de se evitarem incomodos e molestias.

E' claro que conceder ao sr. Williams o que de nós reclama para dele recebermos como agradecimento um breve *All Right*, custa muito menos trabalho que discutir longamente, levando-o ao convencimento de que nos assiste razão, quando lhe dizemos:

—«Prorogamos-lhe os prazos, mas com a condição de compensar Angola, que tantos prejuizos já sofreu com a demora no acabamento do caminho de ferro que, em vez de atravessar as suas regiões ferteis, como seria de esperar, segue a linha das cumiadas, a fim de encurtar a distancia do Lobito até Katanga.»

Desde que, com firmesa e prudencia, pugnemos pelos nossos incontestaveis direitos, as nossas colonias não só deixam de ser alvo de velhas ou novas ameaças, mas até beneficiarão daquilo que nós raramente mostramos—a coragem para as proteger contra as más cubiças.

O sr. ministro das Colonias, com certesa, não é defensor da politica dos braços caidos, como sendo a melhor para remediar dificuldades.

Se, porventura, desejar informar-se sobre se o sr. Williams teve ou não teve ensejos favoraveis para concluir o caminho de ferro, busque os esclarecimentos que se refiram as suas andanças para obter dinheiro.

E' uma historia interessante, rica de lições.

Empregou ele todos os capitais angariados para o caminho de ferro na construção do mesmo?

Entre outros documentos, ousamos recomendar ao sr. Vieira da Rocha a leitura da acta da sessão da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, de 26 de Janeiro de 1920.

Dela se deduz claramente que o sr. Williams, a fim de reservar para a «Tanganika» a posse exclusiva do caminho de ferro, se recusou teimosamente a aceitar auxilios de capitais que pudessem diminui-la nesta pretensão.

Que lhe importavam a ele demoras e diversões que tanto prejudicavam Angola, se a sua situação de marechal dos «rails» não sofria damno?

LISBOA CIVILISA-SE

—... e vamos ter galegos pneumaticos!...

SEGUNDO ontem revelou ao «Diario de Lisboa» o sr. presidente do governo, o nome do sr. dr. Filipe Mendes, governador civil de Lisboa, republicano de velha data, que á sua roda nunca despertou odios e antes provocou francas simpatias, foi lembrado ao P. R. P. para ser incluido na lista oficial pelo Porto. O sr. dr. Filipe Mendes, apesar de não ter uma disposição muito aberta para ir a S. Bento, acedera a instancias de alguns amigos para aceitar a candidatura.

Pelas declarações do sr. dr. Domingos Pereira vê-se que o P. R. P. despresou a indicação do governo, não compreendendo o melindre de se fusilar uma candidatura que tinha sido oferecida e não solicitada.

Apesar de incidentes como este serem triviais em epoca eleitoral, o caso do fuzilamento da candidatura do sr. dr. Filipe Mendes, apresentada pelo chefe do governo, membro do Diretorio do P. R. P., é significativo e—representativo.

* * *

NO Governo Civil foi hoje julgado no Tribunal dos Pequenos Delictos, um comerciante de Lisboa—e omitimos por hoje mais pormenores—acusado de ter procedido incorretamente na rua com uma senhora que passava. Foi condenado em 990 escudos de multa ou 192 dias de prisão.

A brigada especial, encarregada de reprimir os desmandos de pessoas que não sabem respeitar senhoras, recebeu desde hoje ordem de intensificar a sua fiscalização, prendendo todos os individuos que se comprazem em ser grosseiros para fingirem que teem espirito. Os julgamentos serão sumarios e severissimos.

* * *

NUMA elegante edição das livrarias Aillaud & Bertrand, acaba de aparecer o livro «Rumo Incerto...» de que é auctor José da Cunha Matos, poeta de peregrina inspiração, que, sob o pseudonimo de João Paulo, os nossos leitores, por maís de uma vez, têm tido ensejo de admirar.

«Rumo Incerto...» é uma obra de paixão, cheia de frescura e de delicadesas que abrem ao autor um posto na nossa literatura.

* * *

AFIRMA-SE que o sr. dr. João Moreira de Almeida será escolhido para o lugar que seu pai ocupava na Companhia das Aguas.

Se tal se fizer, teremos ao menos a certesa de que se pagará uma divida de gratidão—o que não é muito frequente na nossa época.

Isto sem falarmos nas qualidades e meritos verdadeiros do sr. dr. João Moreira de Almeida.

* * *

ENCONTRA-SE em Chaves, de onde deve regressar ámanhã, o «leader» do partido nacionalista.

O sr. Cunha Leal, que naquela admiravel terra transmontana gosa de gerais simpatias, tem sido alvo, durante esta sua visita, de inequivocas e sincerissimas demonstrações de apreço e respeito.

* * *

OS ministerios dos Estrangeiros e das Colonias adquiriram algumas dezenas de exemplares da obra de Pedro Muralha—*Terras de Africa*. O primeiro destina-as aos membros da Sociedade das Nações e ás nossas legações; o segundo aos seus arquivos.

HOMENS DE PRINCIPIOS

Um deputado internacional

ou Lucio de Azevedo em cabo submarino...

Foi o sr. Antonio Maria da Silva que um dia bradou no Parlamento:

—«O país está a saque!»

Não mencionou o nome dos *saqueadores*. Atirou a acusação para o monte.

Esta falta de direcção e rigor nas acusações, presta-se a que os homens honestos nem sempre vejam o seu nome bem respeitado.

O povo, farto de ouvir julgar depreciativamente os politicos, encolhe os ombros e diz:

—«São todos os mesmos».

Discordamos—não são todos os mesmos. Ha quem sabe servir a a Republica e quem só pensa em servir-se a si proprio.

A qual destas especies pertence Lucio de Azevedo, candidato a deputado pelo circulo de Torres Vedras?

Julguem os nossos leitores pelo arrazoado que segue e que transcrevemos do *Diario de Lisboa*, de 26 de Setembro de 1924. Ninguem o desmentiu nem contestou: é verdadeiro, portanto.

Do ministerio das Finanças emanou ha dias uma nota oficiosa que os jornais inseriram, na qual se afirmava que Lucio de Azevedo se encontra livre e escorreito da sindicancia aos seus actos como administrador da Casa da Moeda. Que maravilha! Havemos de dizer ainda alguma coisa de pasmoso sobre as varias *étapes* dessa sindicancia.

Antes disso, porem, entendemos contar hoje a interessante historia que se intitula—«Um Deputado Internacional ou Lucio de Azevedo em Cabo Submarino».

No dia 8 de julho de 1921, assinou-se, entre o governo português, representado pelo ministro do Comercio, Antonio Joaquim Granjo, e um representante da *Western Union Telegraph Company*, Henrique Anthony Stott Howorth, um contracto provisorio para o estabelecimento e exploração dum cabo submarino, destinado a ligar a America do Norte e o Continente Europeu, com exclusão de Portugal, aterrando na ilha do Fayal, do arquipelago dos Açores. Os dois outorgantes procederam com plena liberdade, por não haver direitos ou interesses de terceiro reconhecidos ou em litigio.

Veio o 19 de outubro e Antonio Joaquim Granjo, republicano sem macula, cidadão de exemplares virtudes, pagou, no Arsenal, com a propria vida, as culpas que os odios torpes dos sicarios lhe inventaram, a fim de darem ao seu crime monstruoso a aparencia dum apuramento rapido de contas.

Já não foi ele quem levou ao parlamento a proposta para tornar definitivo o contracto provisorio assinado com a *Western Union*. Um dos seus sucessores na pasta do Comercio, o sr. Lima Bastos, em 28 de abril de 1922, cumpriu esse dever.

A proposta baixou logo ás comissões respectivas—a de Correios e Telegrafos, a de Finanças e a de Comercio e Industria. Todas se manifestaram de acordo. Por nos interessarem especialmente para a exposição que vamos fazer, transcrevemos os pareceres das duas ultimas:

«*Senhores Deputados.*—Tendo a vossa comissão de comercio e industria examinado o referido projecto, para melhor segurança dos interesses do Estado, entende levar á vossa apreciação as alterações que passa a expor, esperando merecerem a vossa aprovação:

Artigo 5.º—Salvo o caso de força maior, devidamente comprovado e reconhecido pelo governo, o cabo deve estar lançado e aberto á exploração dentro do praso de três anos, a contar da data da assinatura do contracto definitivo.

Artigo 6.º—No caso do artigo antecedente, o governo fixará á concessionaria um novo praso não excedente a dois anos da data primitivamente fixada para ultimar a instalação do cabo ou efectuar quaisquer trabalhos de reparação ou substituição.

Artigo 15.º—A verba de 100.000$ substituida por 500.000$.

Artigo 19.º—Acrescentar-lhe no final: «e por este reconhecido».

Artigo 26.º—Suprimido.

Lisboa, 28 de junho de 1922.

Anibal Lucio de Azevedo.
Nuno Simões (com declarações).
Antonio Fonseca.
Francisco Cruz (com declarações).
J. N. Nunes Loureiro.
Sebastião de Heredia.»

«*Senhores deputados.*—A vossa comissão de Finanças estudou devidamente a proposta de lei n.º 65-D, que lhe foi presente, acompanhada do parecer favoravel da comissão de correios e telegrafos e do parecer com algumas alterações ao contracto provisorio, pela comissão do comercio e industria.

A vossa comissão de Finanças nada tem a opôr á proposta de lei do sr. ministro do Comercio e Comunicações, e entende que esta deve merecer *a vossa aprovação* com as alterações propostas pela comissão do comercio e industria, com as quais se conforma.

Sala das sessões da comissão de Finanças, 5 de julho de 1922.

Alberto Xavier (com restrições).
Nuno Simões (com declarações).
Anibal Lucio de Azevedo.
Mariano Martins.
F. C. Rego Chaves.
Carlos Pereira (com restrições).
Queiroz Vaz Guedes.
Lourenço Correia Gomes, relator.»

Como o leitor vê, a proposta ministerial teve o n.º 65-D. Sofreu pequenas alterações, na Comissão do Comercio e Industria, a fim de ficar garantida, com mór segurança, a situação do Estado, perante a companhia concessionaria. Dos vogais destas comissões houve quem assinasse com declarações e quem com restrições.

Anibal Lucio de Azevedo manifestou-se absolutamente concorde com a doutrina da proposta de lei n.º 65 B. Não teve duvidas nem hesitações. Com as pequenas alterações a que fizemos referencia, ele dá-lhe o seu pleno assentimento. Não presente no horisonte a sombra duma tentação...

E o que significa isto?

Que na discussão parlamentar, a seguir ao trabalho das comissões, ele teria de honrar a sua assinatura, não defendendo opinião, emenda ou alteração contrarias ás que constam dos pareceres.

Desgraçadamente não foi assim, como ao depois se desvendará!

Lucio de Azevedo, em dada altura, voltou costas a Lucio de Azevedo, divindindo-se em duas pessoas diferentes que se contradiziam uma á outra, como socios desavindos na partilha do mesmo bolo.

Que cizania operou esta bifurcação de Lucios?

* * *

Na sessão de 4 de agosto de 1922 sujeitou-se á apreciação dos srs. deputados a proposta de lei n.º 65-B, que autorizava o governo a fazer definitivo o contracto provisorio com a *Western Union*.

Estudada na generalidade, sem bicos de obra de qualquer especie, passou-se á especialidade, quando a Camara, convencida de que a sua aprovação se faria como que automaticamente, se entregava aos amenos cavacos e lazeres saborosos das sessões em que não ha gritos nem batalhas.

Pois é no meio deste ripanso virgiliano que um sr. deputado pede que se junte um § unico, aparentemente inofensivo, ao art. I da proposta!

Que se estabelece nele?

Isto, que é uma enormidade:

—«Os telegramas transmitidos por qualquer das secções do cabo ou cabos da concessionaria, destinados á America do Sul, só podem seguir ao seu destino pela via Cabo Verde.»

A Camara, distraída, perdida na lua, ou sem compreender o que fazia, aprovou sem pestanejar.

Depois é que foram elas!

Quando se deu pelo mal, era já tarde para o remediar. A quem aproveitaria o estupendo aditamento que não só vinha alterar a economia do contracto, a liberdade com que fôra negociado, a lisura das duas partes outorgantes, mas fazia do parlamento português uma especie de procurador duma entidade que se conservava na sombra? Foi, então, que alguns srs. deputados, de palpite em palpite, de indução em indução, chegaram ao conhecimento de que uma outra companhia congenere, julgando-se ameaçada na exploração da sua industria com o aparecimento dum presumido concorrente—a *Western Union*—tratára de precaver-se. E constataram estes srs. deputados que entre os seus colegas havia quem a apoiasse, sem que se notasse ainda quem era o mais animoso.

Como um curto parentesis necessario para que toda esta meada se desembrulhe, vamos narrar um caso interessante.

Estando uma tarde no seu escritorio um antigo republicano—afastado hoje da politica em que desempenhou um papel importante—entrou-lhe pela porta dentro, depois de anunciado, um cavalheiro com quem mantinha uma moderada convivencia.

—A que vinha?

Pedir o seu valimento a favor duma companhia de cabos submarinos que receava sofrer graves prejuizos nos seus lucros, se porventura fosse aprovado tal qual o contracto que o governo português negociara com a *Western Union*.

Resposta do antigo republicano:

—Tenho muita pena de o não poder servir, mas actualmente cuido só dos meus negocios que me dão bastante que fazer, nada pretendendo da politica. Tambem lhe devo declarar que me repugnam assuntos desses. No entanto, para não perder de todo os seus passos, dou-lhe uma indicação.

Porque não se dirige a qualquer parlamentar *influente*, de preferencia eleito pelo circulo onde amarra o cabo da companhia que o sr. protege?

Sob estes auspicios começou a romper no horisonte a estrela do nosso Lucio!

A proposta de lei 65 B, aprovada nos termos que vimos, transitou para o Senado. O representante da *Western Union*, Henrique Anthony Stott Howorth, enviou logo uma representação ao presidente da segunda camara, pondo-o de sobreaviso contra a manobra que se urdia.

Honra seja aos srs. senadores que se recusaram a aceitar o celebre § unico que misteriosamente fôra acrescentado ao art. 1.º.

E porque não se deixaram ir na rede?

O facto de verem o nosso Lucio metido na baralha, surgindo no meio deles, a pregar amor britanico, levou-os á cautela.

Ouviam-se comentarios deste teor:

—«Anda mouro na costa!»

—«Que ambicionará este *pardal*?»

Homens escrupulosos, decidiram estudar a questão a fundo.

E que vieram a saber?

Que não se podia obrigar a *Western Union* a fazer passar pelas linhas da companhia sua adversaria os seus telegramas para a America do Sul — além disso ser inconciliavel com os compromissos

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

HOMENS DE PRINCIPIOS

As ambições de Lucio

ou um passaro na ratoeira...

A CAMINHO DA GLORIA

(Continuação da 2.ª pagina)

assumidos pelo governo português — por a tal se opôr o art. 41.° — n.° 3 da Convenção Internacional de St. Petersbourgo a que Portugal aderiu e que resa assim:

—«Quando o expedidor indicar a via a seguir, as estações respectivas são obrigadas a conformar-se com essa indicação, a não ser que a via indicada esteja interrompida ou manifestamente repleta de serviço, pois neste caso o expedidor não poderá reclamar contra o emprego de qualquer outra via.»

Isto, reduzido a claro, ensina-nos o seguinte—quem expede um telegrama ou cabograma tem sempre o direito de escolher o caminho que deve seguir, sem que as companhias se permitam apresentar-lhe objecções.

Sendo assim, como é que à Companhia rival da *Western Union* queria forçar esta a dar-lhe um serviço de que ela não podia dispor, visto não mandar na vontade dos expedidores?

O Senado, ouvidas as suas comissões tecnicas e após uma breve, mas prudente discussão, cortou o paragrafo que viera da outra Camara agarrado ao art. 1.°, como o pulgão a um fruto mimoso.

Exasperou se o Lucio, assoprou, avermelhou se mais do que o costume e jurou estalar de raiva.

Alguem pensou perguntar-lhe:

—O' Lucio, como demonio é que tu, tendo reconhecido uma coisa como boa, nas comissões, andas agora empenhado em sustentar outra muito diferente? Olha que já por ahi se murmura da tua atitude...

O fogoso deputado nem espera que o interroguem, porque, com a sua natural incontinencia, explica tudo.

—Eu não posso deixar de estar ao lado duma companhia inglesa. Portugal é aliado da Inglaterra, e aliado secular. Que favores devemos aos americanos? Eu por mim gosto de ser grato aos amigos do meu país!

Como geralmente os seus interlocutores se sorriam maliciosamente, estranhando o seu zelo ultrabritanico, ele bramava contra a gente suspeitosa.

Porque provocavam reparos e murmurações as suas andanças?

E' que, não sendo Lucio um idealista, não era homem para ceder a razões nobres. De pobre fizera-se rico. De pelintra, subira a potentado. A dedicação ao regime não engorda ninguem ..

Sabia-se que Lucio trepava com muita frequencia as escadas duma casa da rua dos Capelistas, onde o representante da Companhia inglesa, junto do governo, tinha os seus escritorios.

Tambem se sabia que este mesmo senhor aparecia com desusada frequencia, no gabinete do administrador geral da Casa da Moeda.

De que falavam? Que segredos os uniam?

Seria o pensamento patriotico de se sacrificarem pela nossa velha aliada?

Esperamos que o actual sindicante á Casa da Moeda não se esqueça de informar-se destas ultimas visitas—as do representante da Companhia inglesa—podendo ouvir, se tiver tempo para tanto, os srs. Alexandre Herculano Baptista, Roberto Veloso Muñoz e Raul Antonio da Silva, empregados da mesma.

(Do «Bystander»)

Exemplo dum homem que admira na propria sombra a sua grandesa, dizendo consigo:

—«Posso orgulhar-me de ser uma pessoa... de respeito.»

—Afirmava-se, dentro e fora da Camara, que Lucio esperava que lhe dessem um lugar de engenheiro consultor, na Companhia em questão, pago em oiro... Boato ou noticia certa? Quem se encarregará de apurar isto? Exerceu tal lugar? Exerce-o ainda?

Como seria bom e moralisador achar uma resposta a estas preguntas!

A proposta de lei n.° 65 B tinha que voltar de novo á Camara dos srs. deputados ou para esta Camara se conformar com as alterações que lhe introduzira o Senado ou, não se verificando a hipotese, para ser submetida ao Congresso, em sessão conjunta. Assim se fez. As comissões, despejadas do furor uivante de Lucio, honraram o parlamento. Não houve meio de elas se afastarem dos primitivos pareceres. Uma delas—a de Correios e Telegrafos chegou a reunir três vezes — reuniões provocadas por oficios vindos Deus sabe donde—mas manteve rijamente, corajosamente, os seus pontos de vista. Lucio escabujava, desenvolvendo uma actividade infernal.

O representante da *Western Union*, Henrique Anthony Stott Howorth, dirigiu ao sr. presidente da Camara dos Deputados uma representação, pedindo justiça, que é esmagadora como a demonstração dum teorema!

Que o levou a não se conter nem a aguardar confiadamente, a discussão parlamentar?

E' que, antes dele, o representante da Companhia ingleza já advogara as suas estranhas pretensões, enviando um documento igual ao mesmo sr. presidente.

A sua representação responde a esta ponto por ponto.

Prova absolutamente: 1.° — que a *Western Union* não pode, como desejava Lucio e compadres, entregar o seu serviço para a America do Sul á companhia rival, porque a isso se opunha o art. 41, n.° 3.°, da Convenção Internacional de S. Petersburgo a que Portugal aderira; — 2.° — que, em vez de ficar pagando ao governo português por cada palavra expedida 12,50 (francos-centimos) pagaria 22,50 (francos-centimos) que era o valor ao tempo de 7,50 (francos-centimos ouro) — quantia superior á de qualquer outro concessionario.

— A intervenção de Lucio, que foi irascivel, atrevida, obstrucionista, conseguindo varias vezes enervar o ministro do Comercio sr. Lima Bastos, teve este resultado: ser aprovada sómente em 1924 a proposta n.° 65 B, quando o devia ter sido em 1922.

Quais as suas culpas — as suas tremendas responsabilidades?

1.° ter renegado a sua assinatura aposta aos pareceres das duas comissões de que era vogal — facto inexplicavel que em qualquer país do mundo lhe sairia muito caro.

2.°, esquecer-se de que era deputado da nação e não duma companhia ou nação estrangeira — agente internacional de negocios, portanto.

3.°, gabar-se de ser mais patriota que os honrados parlamentares que defenderam o prestigio do país, não aceitando imposições de ninguem nem vendendo o seu voto por um prato de lentilhas.

4.°, prejudicar fortemente os cofres do Estado, visto que concorreu para que se demorasse por dois anos a aprovação da proposta de lei, atrazando assim a cobrança dum rendimento em ouro que montaria a muitas centenas de contos de reis.

5.°, defender na Camara as proposições e pontos de vista da representação da Companhia, sua afeiçoada, em que se leem estas estupendas palavras:

—«E expondo, como agora vem fazer, as razões do seu direito, não pode deixar de salientar que o maior prejuizo a resultar da aprovação da emenda do Senado, eliminatoria desse § unico, é principalmente para o Estado português, mais ainda do que para o requerente, por isso mesmo que o espirito de justiça que deve animar os governos de todos os povos não poderia deixar de, pelo menos, reconhecendo a situação de inferioridade em que a requerente ficaria perante a «Western Union C.°», sobretudo no que respeita á desigualdade de taxas a pagar ao Estado português, «compensa-la desse prejuiso» para que em nada contribuiu e que legitimamente não pode esperar, em consequencia dos seus contratos e das normas legais que os inspiraram e regem».

O leitor compreendeu bem?

Porque o nosso governo contratou legalmente com a *Western Union*, não devendo nem temendo, pois tinha as mãos limpas e livres, ameaçam-no com o pagamento de uma indemnisação.

Lucio Internacional não sentiu vergonha nas faces.

O deputado da nação cumpria o seu mandato. prestando-se a fazer fretes desta especie.

Diz-se que foi ele proprio que levou para o Parlamento, entregando-a ao chefe dos porteiros, para que este a distribuisse aos nossos deputados, a espantosa representação.

E' isto verdade? Como averigua-lo? Quem lha entregou? Quem a escreveu?

Mais e mais poderiamos acrescentar em materia de facto e de comentario, mas entendemos, prudentemente, parar aqui. Concertam-se os morcegos amigos para reinstalar Lucio na Casa da Moeda. Permita-se-nos esta franquesa — não acreditamos. Apesar de tudo o que se deu com a sindicancia ao caso dos discos, a nossa boa fé leva-nos a repetir — não acreditamos.

Restaurante Casino Ribamar
(ALGÉS)
Esmeradissimo serviço diario de restaurante---Cosinha á portuguesa---Optimos jantares---Esc. 14$00---Admiravel concerto---Musicas modernas---Direcção do distinto professor Ivo da Cunha e Silva

A Cidade

Sala de Armas Carlos Gonçalves
R. DAS CHAGAS, 22, 1.º
Secção de Educação Fisica
Gimnastica respiratoria, Massagem e Gimnastica Medica
CARLOS GONÇALVES—CARLOS DE SOUSA
Prof. diplomado — Prof. especialisado

Chá das cinco

Hesitação

Perguntas-me o que hás-de fazer, que atitude hás-de tomar nesse caso da tua paixoneta pela Maria.

Outro qualquer, nas minhas condições, responder-te-hia certamente:

—Sou muito novo para dar conselhos...

Mas eu penso que, em materia de amôr, os novos sabem muito mais do que os velhos. Depois é que se vão esquecendo, com o tempo...

Queixas-te de que a Maria—que, de resto, continúas a achar «um amôr», anda jogando comtigo «a cabra cega», aproximando-se um momento, dando-te as maiores esperanças, para dali a pouco te fugir, desfazendo num minuto todos os castelos de cartas que o teu coração arquitectou.

Confessas-te cansado de perseguir essa ilusão—como se fôssem anos os poucos dias em que tens andado preso dos seus encantos. E dizes-me:

«Estou até disposto a desistir. A Maria é uma mulher de grandes intervalos... Não me conformo com isso.»

E é para esse caso que tu pedes o meu conselho:

«Renunciar? Não renunciar? Ha momentos em que estou disposto a esquecê-la, convencido de que é inutil prosseguir; mas vem logo uma bôca a abrir-se em alvoradas, que me enche de esperanças e me entrega outra vez, com mais calôr, com maior paixão. Que hei-de eu fazer?»

Averiguado que estás doido por ela, e que não pódes esquecê-la de repente, que queres tu que te aconselhe?

Parece-me que o melhor—e com isto concorda um velho que consultei e que ainda não está de todo esquecido destas coisas de Amôr—é deixar correr o marfim...

Nesses casos, o que menos vale é a nossa acção—fantoches como somos todos, homens e mulheres, nas mãos desse perigoso *diabilito*.

Felix Correia

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s/Londres, cheque	—	95$25
s/Madrid	—	2$82
s/Paris	—	$81
s/Suiça	—	3$78
s/Bruxelas	—	$89
s/Nova-York	—	19$65
s/Amsterdam	—	7$92
s/Italia	—	$78
s/Brasil	—	3$00
s/Praga	—	$59
s/Suecia	—	5$27
s/Austria	—	2$78
s/Berlim	—	4$69
Libra esterlina	97$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	—
» 6 1/2 0/0 1923	—
Acções do Banco de Portugal	1010$00
» do Banco Lisboa & Açôres	475$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	869$00
» da Companhia Port. de Fosforos	193$00
» das C.ias Reun. Gaz e Electricidade	114$00
» da Companhia do Amboim	99$00
» da Companhia Colonial do Buzi	—

Preços operações a prazo

	1.ª liq.	2.ª liq.	3.ª liq.
Tabacos	—	—	87$00
Fosforos	190$00	189$00	188$00
Gaz	117$80	116$00	115$50

O PROXIMO ACTO ELEITORAL

O partido nacionalista perante as eleições de domingo

Estamos em vesperas de eleições e ainda se ultimam certas combinações politicas, que não deixam de merecer interesse ao leitor. O Partido Nacionalista fala hoje ao «Diario de Lisboa» pela boca do distinto parlamentar, sr. dr. Pedro Pita.

—Doutor; que me diz sobre eleições?

—Que hei-de dizer-lhe sobre eleições?! que estamos no dia 4 e que elas se realisam no dia 8, a não ser que um terramoto o impessa, visto o sr. Presidente do Ministerio declarar que as não adia.

—O seu partido já tem feita a selecção dos seus elementos, pelo que respeita á candidatos?

—Sim, senhor. Estão distribuidos os postos de combate e resta a cada um ir para eles com fé e com proposito de vencer.

—Bons nomes?

—Nós publicámos a lista completa dos nossos candidatos, e você póde avaliar, lendo-a. Os melhores valores parlamentares do Partido têm circulo onde a nossa força é grande e onde, por meios e processos legais, não poderão perder.

—Sabe que foi muito notado que nem o dr. Ginestal nem o dr. Pita, presidente e Secretario do Directorio, tivessem circulo senão á ultima hora?

—Mas não havia razão para a estranheza. O presidente e o secretario do Directorio tinham de ser os ultimos a procurarem circulos. E nós, deixando-nos para o fim, quizemos justamente mostrar a nossa isenção, cada um de nós querendo que o outro fôsse o primeiro, com a preocupação de só ter um circulo quando o outro o tivesse já.

—Na verdade, pela nota hoje publicada, vê-se que os dois só tiveram circulo em consequencia de substituição de candidaturas...

—Não é bem assim. Porque á ultima hora a amizade do dr. Ginestal Machado fez-me uma «traição». Quando eu já não tinha meio de evitá-lo, propôz-me em seu logar por Santarem. Imagine a minha arrelia! Ele, o Presidente do Directorio, elemento do maior prestigio e cuja acção ponderada é sempre tão necessaria na Camara, dando-me o seu logar! Póde lá supôr quanto isso me desgostou...!

Na sua cara vê-se bem a sinceridade com que fala. E agora, retomando o fio das suas considerações:

—Fui propositadamente a Santarem, declarar-lhe que não aceitava, afirmar-lhe que renunciaria se fôsse eleito. A nada quiz atender. Ele era o arrais do barco, e só se «salvaria» em ultimo logar. E não havia meio de demovê-lo!

—Então...

—Salvaram a situação os nossos correligionarios de Coimbra, pedindo a indicação dum nome prestigioso para candidato a Senador por aquele distrito.

—Mas como?

—O meu querido amigo sr. engenheiro Vicente Ferreira, nome dos mais prestigiosos do meu partido, já tinha dias antes, significado ao dr. Ginestal que estava pronto a aceitar qualquer candidatura ou até a desistir da sua, se com isso podesse facilitar a minha ida ao Parlamento. Eu fui companheiro do sr. Vicente Ferreira no ministerio Ginestal Machado, e tive a honra de ouvir-lhe, tempo depois, que esse ministerio tinha tido para ele a vantagem de ter ficado a conhecer-me e a estimar-me. Era a sua estima que assim falava, agora tambem, querendo vêr-me na Camara.

—E daí...

—Daí, o ser o sr. Vicente Ferreira o nome prestigioso, que melhor não tinhamos, indicado para Coimbra, ficando uma vaga de candidato a deputado por Castelo Branco.

—E tudo teve solução...

—A melhor que poude dar-se-lhe. Pensámos em continuar, eu, candidato por Santarem, propondo-se por Castelo Branco o sr. Ginestal. Era arriscar duas candidaturas a um tempo, porque eu não teria para o meu nome os votos pessoais do dr. Ginestal em Santarem, nem a este poderia eu dar os poucos que tenho em Castelo Branco. Fiz, pois, o meu dever, assegurando a candidatura dele, como ele tinha procurado assegurar a minha com o seu proprio prejuizo.

—Qual o calculo que fazem sobre o numero de deputados a eleger?

—O dr. Pita que antes havia falado com ar preocupado e por vezes comovido, diznos agora, já com a sua costumada boa disposição:

—Quantos? Todos quantos poderem ser. Mas estou absolutamente convencido de que nunca serão menos dos que tinhamos na legislatura finda, e formando um conjunto melhor.

—A sua opinião sobre a eleição de Lisboa?

—Creio que os republicanos que são em maior numero, não deixarão os monarquicos vencer, sobretudo, depois do repto que por estes lhes foi lançado. Mas os democraticos deviam ser mais transigentes. Representação a maior numero de agregados politicos e, mesmo a cada um destes, maior representação tambem, para interessar na vitoria um maior numero de eleitores.

—O seu partido...

Atalhando:

—O meu partido não quere, sobretudo, que, em caso de derrota, que eu, aliás, não julgo provavel neste momento, possa ela ser-lhe atribuida. E nisto se resume tudo.

DE LUTO

D. Maria João da Torre do Vale

Na sua casa, em Santo Amaro de Oeiras, faleceu ontem, com 82 anos de idade, esta bondosa senhora, esposa do sr. Marcolino da Torre do Vale, mãe dos distintos coloniais srs. Mario, Eugenio e Armando da Torre do Vale, e prima do nosso amigo, administrador do «Diario de Lisboa», sr. Manzoni de Sequeira. O seu funeral, que foi muito concorrido, realisou-se hoje da paroquial igreja de Oeiras para o cemiterio da vila.

A familia enlutada os nossos sentidos pesames.

O CASO

dos diamantes da provincia de Angola

Do sr. Adriano do Paço recebemos a seguinte carta:

Sr. director—Publicou o seu jornal uma carta do sr. Ernesto de Vilhena, em resposta á que o «Diario de Lisboa» insiriu a respeito das acções da Companhia de Diamantes de Angola e que pertencem ao Estado. Aquele senhor expôs a seu modo as razões porque os dividendos das aludidas acções ainda não foram pagos, e que devem ser relativos ás gerencias de 1922-23. Mas será mesmo assim, como diz o sr. Vilhena?

Seria interessante que se alongasse mais no que diz respeito as contas com a Secretaria Provincial de Finanças e explicasse as causas de um exame á escrituração da referida Companhia, como relatou um jornal da colonia. Quanto a mim, tenho a dizer ao sr. Ernesto de Vilhena que sou um português que só tem uma Patria e que não é instrumento negociavel.—De v. etc., *Adriano do Paço*.

UMA DESPEDIDA

A RECITA de Zulmira Miranda

realiza-se ámanhã

no Teatro Maria Vitoria

Zulmira Miranda, a nossa primeira cantandeira de fados, a rainha da chamada «Canção Nacional» em palcos portugueses, tem ámanhã a sua festa no Maria Vitoria.

Zulmira Miranda nasceu para o teatro—a cantar. E como a sua vida é o teatro e como o seu teatro é a canção triste do nosso triste fado de Portugal, pode dizer-se que essa graciosa artista, que é tambem uma linda mulher, nasceu cantando, vive cantando e—daqui por muitos, muitos anos—cantando ha de morrer, na eterna e sempre dôce primavera da sua privilegiada garganta.

A sua voz que tem sido a da toutinegra em Lisboa, a do rouxinol em Coimbra e a do

ZULMIRA MIRANDA

«sabia» no Brasil, valeu-lhe o seu primeiro triunfo de actriz. Foi ha 15 anos no Apolo (então Principe Real) na dolorosa e sentimental canção de uma ceguinha, em o «Fado»; e treze anos mais tarde, no Eden, de novo Lisboa em peso ia ouvi-la e vitoriá-la, na mesma peça, no papel de «Madalena».

Depois foi o Brasil com os triunfos que esse país de encantadoras lendas sabe reservar aos seus eleitos. Na primeira festa que ali fez, o palco transformou-se numa «corbeille» de flores naturais, valendo uma fortuna, porque a prenda maior dos brasileiros é a flôr.

Actualmente o seu exito, a sua boa estrela prosegue no Maria Vitoria—cantando, cantando sempre, cantando o fado a que a sua voz empresta uma grandeza que o redime da lama em que nasceu e o defende da lama que os puritanos pretendem atirar-lhe.

E tem cantado tanto, este famoso rouxinol! Ha dias, a quem lhe preguntava se tem cantado muitos fados, respondia sorrindo, modesta como sempre, graciosa como nunca:

—Quasi todos que se cantam nos teatros.

—E gosta muito de cantar o fado?

—Sim, muito.

E com uma nevoa de melancolia no sol sombrio do seu olhar.

—Mas gosto muito mais de o ouvir!

Zulmira Miranda que, no Palacio de Cristal no Porto, cantou o fado para o marechal Joffre, quando o grande cabo de guerra ha anos visitou Portugal, conseguiu que os represgos da vincada e dura face do «Taciturno» se desfizessem num assomo de enternecida alegria.

MARIA VITORIA TELEFONE :: N. 3644 ::
HOJE, ás 8-30 e 10-30
A revista
RATAPLAN!

A Cidade

S. LUIZ TELEF. N. 224
HOJE, ás 21
A Montaria
A Canção do Olvido

A ARTE DE DIZER

A ESTREIA de Berta Singerman

no Teatro Trindade

constitui um acontecimento

A critica fica para ámanhã. Hoje dão-se apenas as notas do espectaculo. Poucas notas, como eram poucos os espectadores. E' preciso descançar os nervos. Dominar o coração. Abrir os olhos e viver, já que ontem sonhamos, palpebras encerradas em divinos halos de beleza.

Pouco publico — é sempre a melhor homenagem. Cria-se sem ele a forma concava do silencio. Ouve-se melhor. Sente-se melhor. Os grandes teatros, os teatros de emoção, são como as catedrais. Uma só alma enche uma abobada. Um só artista rasga na terra uma dôr grandiosa. Berta Singerman é assim. Já alguem ouviu falar as estrelas?—preguntou Olavo Bilac. E Berta—não é a propria luz, o proprio esforço, a cachoeira, o rugido, o soluço, a voz de mil multidões, numa só voz?

* * *

No Trindade, a fila D.—é a fila dos criticos. Dos criticos que nunca aplaudem, que são frios por raciocinio e discretos por profissão. Hontem a fila D. substituiu a «claque». A opinião calorosa era de palmas, de bravos, de ovações. Houve movimentos de apoteose e aquela anciedade que dilata os olhos até ao inverosimil do espanto, arrastando o delirio até aos ventos esbrazeantes da loucura.

* * *

Berta Singerman tem a doçura grave das virgens pintadas por Memling. E' uma encarnação de Jeanne d'Arc—doce, transparente, corpo longo e fino de espada medieval, olhos ao longe, no ultimo horisonte, no ceu que já não é ceu, nem espaço, nem Paraizo e é tudo isto e nada mais alem da vida, do planeta e do universo.

* * *

O espectaculo de hontem foi intenso demais. Belo demais. Maravilhoso demais.

Berta Singerman não resiste á sua propria emoção. Atinge-a em altura ou em profundidade e sepulta-se nela, suicida-se nela, constrange-se nela. De que imortais esperanças é feita a sua arte?

Caixa de Solidariedade Humana da Classe dos Vendedores de Jornais de Lisboa

A fim de se nomear a comissão elaboradora dos estatutos desta caixa e tratar, ainda, de assuntos de grande interesse, é convocada a assembleia dos socios fundadores desta Caixa a reunir-se na proxima sexta-feira, 6, pelas 17 horas, na sede da Liga dos Vendedores de Jornais, travessa do Oleiro, 13, r/c. Pede-se a comparencia de todos.

OS USOS E COSTUMES PITORESCOS DA GUINÉ
as suas lendas guerreiras
a historia de amor de uma princesinha linda da ilha de Canhabaque
onde se encontram actualmente alguns legionarios vermelhos
preenchem algumas das melhores paginas
do livro de NORBERTO LOPES
Mais vale andar no mar alto...
A' venda em todas as livrarias e no DIARIO DE LISBOA
Preço pelo correio 10$60

UM POLITICO QUE SE RETIROU

O futuro Parlamento deve ter funcções constituintes

O sr. dr. Pedro Martins, professor, estadista e diplomata; individualidade cuja galhardia moral e mental o superiorisa á grande maioria dos valores provados da Republica, palestrou hoje com o «Diario de Lisboa».

Despreocupadamente, sem atitudes severas de entrevista; o politico a dissertar numa grande liberdade de ideias, e o jornalista a embevecer-se junto dele, naquele enlevo que resulta do contacto com as pessoas que sabem o que dizem e que a si proprias se escutam quando falam, a conversa decorreu rapida, mas proveitosa, serena mas vibrante de interesse e de conceitos oportunos.

A politica. O sr. dr. Pedro Martins só tem, em politica, neste momento, uma aspiração publicavel: a de que o deixem em paz no isolamento propositado a que se remeteu.

Falámos-lhe das responsabilidades do passado; lembrou-se, da maneira que convinha, a obrigação em que certos homens publicos se encontram, de não deixar, com a sua renuncia, que os destinos da Patria e da Republica se comprometam por falta de valores uteis. E vieram, traduzidas por nós em sintese, estas frases pausadas de justificação:

—Pela parte que me cabe, sobre não me caberem responsabilidades de qualquer especie, não me julgo, nunca me julguei insubstituivel. De resto, a minha vida politica acabou quando, vai em anos, parti para Roma a representar o meu país junto da Santa Sé.

—Em todo o caso, v. ex.ª já depois disso. .

—E' certo. Já depois disso fui ministro, já depois disso o meu nome apareceu citado no registo dos acontecimentos que, de certo modo, representam a vida politica do país. Mas, sem que tal facto me aprouvesse, sem que eu tivesse dado um passo para que isso acontecesse. Já vê... tenho por sistema não desmentir nunca as referencias que se me fazem. Deus meu! Endoidecia!

E citou:

—Ainda ha dias se espalhou que eu tinha aderido ao Partido Radical. Não sabia de nada; não havia coisa alguma que justificasse semelhante boato. Logo após, davam-me como de alma e coração com os esquerdistas. Outra. Estava bem servido se me desse ao trabalho dos desmentidos...

—Em todas as crises ministeriais o seu nome surge sempre como dos de mais merecido prestigio...

—Que lhe hei-de fazer? E' certo que me teem lembrado; mas tambem é certo que me recusei sempre, só acedendo a aceitar quando as circunstancias me tornavam de todo o ponto impossivel a atitude contraria. Quando da ultima crise...

—Dessa vez v. ex.ª chegou a incumbir-se de constituir ministerio.

—Cheguei; e fiz as diligencias precisas. Mas... verdade, verdade, intimamente esperançado no insucesso que me aguardava. E se ainda dessa vez não me recusei foi porque não tinha o direito de o fazer. A minha intransigencia nêsse caso e nessa ocasião poderia parecer uma teima,

Uma revelação que julgamos digna de especial relêvo:

—Não tive pena nenhuma de não organisar governo. E no entanto, o sr. Presidente da Republica, nessa emergencia, oferecia-me a dissolução parlamentar.

—Nem assim?

—Nem assim. Depois, já vê, essa promessa—que não era bastante a demover-me do meu proposito de isolamento—até as circumstancias podiam de futuro torná-la de realisação impossivel. Uma coisa é prometer, outra coisa é conceder... não é verdade?

—Sôbre eleições?

—Não me propuz. Falaram-me nisso, mas não me convenceram. De resto, a fazer parte do Congresso da Republica, ser-me-hia mais agradavel o Senado do que os Deputados.

—A proposito do Congresso. O que vai ser eleito terá funções constituintes?

—Deve ter. E' preciso que as tenha. E exactamente estou preparando um estudo nesse sentido.

CUMPRIMENTOS OFICIAIS

Declarações DO MINISTRO DA GUERRA

O ministro da Guerra, coronel sr. José de Mascarenhas, que recentemente tomou posse do seu alto cargo, recebeu hoje, no seu gabinete, os cumprimentos da guarnição militar de Lisboa.

Ao contrario do que costuma suceder, a este acto de cortezia e de praxe militar concorreram apenas os comandantes das unidades, por deliberação do ministro da Guerra, que não deseja desviar a oficialidade dos seus serviços.

Compareceram todos os comandantes, tendo falado em nome da guarnição militar, o general sr. Alves Roçadas, que, saudando o novo ministro, e rendendo o mais caloroso elogio ás suas qualidades militares e pessoais, disse que se dispensava de fazer a velha declaração de que podia o novo ministro contar com a fidelidade e disciplina da guarnição, por isso que o mais elementar dever militar obriga a essa disciplina e fidelidade.

Em resposta, o sr. ministro da Guerra afirmou que as palavras do general Comandante da divisão lhe eram particularmente caras, por isso que teve o prazer de servir como chefe do estado maior com o general Roçadas, e que tinha pelo comandante da divisão o maior respeito pessoal e militar. O sr. ministro acrescentou ter recebido muito bem a escusa do comandante sr. Alves Roçadas de lhe fazer a costumada declaração de fidelidade da guarnição, por isso que essa declaração se torna inutil perante o espirito e o dever de todos os militares.

As poucas palavras, mas sinceras e vibrantes do novo ministro causaram, pelo caracter militar que as revestiu, a melhor impressão nos comandantes das unidades.

Oliva Guerra

Regressou de Parede á sua casa de Lisboa, acompanhada de sua familia, a nossa brilhante colaboradora e distinta poetisa sr.ª D. Oliva Guerra.

Damaso das Neves

Foi condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo o nosso amigo sr. tenente de infantaria, Antero Damaso das Neves, dos Serviços Graficos do Exercito.

Pelos teatros

Clara Baptista

Do elenco do teatro Politeama, companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, faz parte a gentilissima actriz Clara Baptista, que, tendo-se estreado no teatro musicado, onde fez brilhante figura pela sua graça e

CLARA BAPTISTA

pela sua beleza, ultimamente abraçou com entranhado amor e carinho a declamação, disposta a preencher um dos logares de destaque na scena portuguesa. Clara Baptista deve desempenhar brevemente um papel de grande responsabilidade.

«O principe João»

Lucilia Simões, a nossa grande comediante, interprete admiravel de Ibsen, Sudermann e Bernstein, vai criar na peça «O principe João», que no proximo dia 14 sobe á scena no teatro de S. Carlos, mais uma figura de mulher. A psicologia da personagem, de uma sensibilidade profunda, quadra em absoluto com o temperamento histrionico de Lucilia, feito de emoção e sinceridade. E' nestes papeis—de profundo lirismo dramatico—que Lucilia teatraliza os sentimentos em marmores sagrados de atitudes. Ao lado de Lucilia—num papel de exame cuja interpretação não tem meios termos—vai Samwel Diniz arriscar um grande passo na sua carreira.

Atrás do reposteiro

O programa do 2.º recital de Berta Singerman, ámanhã, no Teatro da Trindade, é o seguinte;

1.ª Parte—«La alborada de amôr», Olavo Bilac; «Hombres nécios que acusais», Juana Inés de la Cruz; «Cuen a Margarita», Rubén Dario; «Los mótivos del lobo», idem; «Aleluya!», Luiz Urbina.

2.ª Parte—«Las garzas», Emilio Aribe; «Las Campanas», Edgard Poë; «Romance de la Infantina», Anonimo; «Junio» (Feria en Lisboa), D. Fernanda de Castro; «Oracion a la Luz (fragmentos), Guerra Junqueiro.

3.ª Parte—«El canto de la Angustia», Leopoldo Lufony; «Quien supiera escribir», Ramon de Campoamor; «Los Maderos de San Juan», Asuncion Silva; «La Copita», Ramon Gimenez, e «Los Caballes de los conquistadores», Santos Chocano.

—Reabre hoje as suas portas o Teatro Nacional com o original «A Miragem» de Carlos Selvagem, em cujo desempenho entram todos os artistas principais da Companhia, fazendo Ester Leão o primeiro papel feminino.

—O quadro novo da revista «Rataplan!», no Teatro

—Está assente que a opereta «Madame Pompadour», representada em Londres com o titulo «A rainha da mão esquerda», suba á scena no Trindade no dia 12 do corrente, sendo o guarda-roupa do «costumier» Castelo Branco.

—Chaby Pinheiro iniciou ontem, em Santo Tirso, a sua digressão pelo país, seguindo depois de ámanhã para Guimarães, onde vai pela primeira vez.

—A assembleia geral da A. C. T. T. reune ámanhã, ás 17 horas, para discutir a reforma dos estatutos e o estado financeiro da Associação.

—Está marcada para o dia 12, no Politeama, a 1.ª representação da peça de Marcel e Gerbidon, «Raparigas de hoje», tradução de Avelino de Almeida, com scenarios novos feitos sob a direcção de Amelia Rey Colaço.

—Programa do teatro de S. Carlos: ámanhã e depois «O leque»; no sabado, «A Rajada», e, no domingo, em recita unica, «Zázá».

—Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios um programa em que entram todas as celebridades da companhia que ali está a exibir-se. A'manhã realisa-se uma «matinée» elegante.

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELFE. C. 3063

Companhia Lucilia Simões

AMANHA

em Recita da Moda

a comedia

O Leque

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE — quarta-feira, 4 — Inauguração da epoca — Primeira representação (1.ª recita de assinatura) da peça em 4 actos, original de

CARLOS SELVAGEM

MIRAGEM

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

HOJE ás 21-15 HOJE

O Saltimbanco

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

HOJE, ás 21-15

O Pão de Ló

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

HOJE, ás 21-15

QUANDO O AMOR ACABA...

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Soc. Com. de Teatro, Ltd.

Direcção artistica de HENRIQUE SANT'ANA

HOJE ás 21-15

No país do tirismo

Revista de Antonio Carneiro e João Saraiva

«BISMARCK»

POMADA EXTRA PARA CALÇADO

A' venda em todos os bons estabelecimentos

DEPOSITARIOS

J. A. SILVA, L.DA

R. Anchieta, 11 — Telefone C. 1800

Agradecimento

Eduard Bartosch, profundamente reconhecido ao Rev. Padre José Filipe Rodrigues, director da Escola Patria, pelo brilhante resultado que seu filho, Eduard Bartosch, de 15 anos de idade, desconhecendo a lingua portuguesa, e só com 11 meses de estudo em Portugal, obteve nos seus exames de Instrução Primaria e nas cinco classes do Liceu, vem agradecer penhoradissimo a S. Ex.ª e aos seus Ex.mos professores todos os esforços e a carinhosa solicitude na instrução do seu filho.

CLARFELD ALPACA

Talheres de alpaca, inalteravelmente branca.
Duração ilimitada.
Universalmente conhecidos.
Não devem faltar na sua casa.
Venda em todas as casas do genero.

UNICOS AGENTES EM PORTUGAL:

Sociedade Comercial Iberia, Ld.ª

Rua da Madalena, 45, 3.º

Tacões de borracha

O'SULLIVAN'S

fortalecem o calçado e dão conforto aos pés. V. Ex.ª desconhece o valor real dum tacão de borracha, enquanto não usar

O'SULLIVAN'S

HENRIQUE ANTUNES & C.A

Rua da Prata, 141, 1.º—LISBOA

Pistolas «F. N.», — «Walter», — «Bayard» e outras marcas. Revolveres, carabinas Flobert e pressão de ar. Munições e acessorios para as mesmas. Tudo aos melhores preços do mercado. Descontos para revenda.

Casa A. M. Silva

R. Betesga, 67 e R. Correeiros 235, 237, 239

TELEFONE N. 4178

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

RHODINE

Dôres — Reumatismos
Lombago — Torticolo
Nevralgias — Enxaquecas
Dôres de cabeça
Dôres de dentes — Insomnias
Resfriamentos
Constipações — Gripe
Cansaço — Estado febril

Exigir a Marca "RHODINE"

garantia de pureza e eficacia.

220-6

Leilão de penhores

"A Comercial,,

18, T. da Trindade, 22 (Ao Chiado)

Telefone C. 3992

De todos os penhores atrazados em mais de **trez mezes de juros.**

Este leilão é feito na rua do Norte, 81 (Armazem da Casa).

FOGÕES ESCOCEZES

(MODELO «SULTANA»)

Economicos. Centenas a funcionar em Portugal. — Depositario: Herbert Cassels J.or — R. 24 de Julho n.º 56 — Lisboa.

MOVEIS

Preços resumidos

3 MOBILIAS 3 = 4.400$00

29 peças

Quartos desde **2.200$00**
Casas de jantar desde **1.450$00**
Escritorios desde **1.100$00**
Salas desde **800$00**

Grande «stock» e variedade em mobilias e moveis desirmanados.

Agradece a quem tiver a amabilidade de vir visitar este novo estabelecimento que mais barato vende.

ARMANDO SANTOS

29 a 33, Rua das Gaveas, 29 a 33

(Ao Camões)

Compram-se

Brilhantes grandes sem defeitos, paga-se 2.800$00 o quilate, cautelas dos monte-pios e joias penhoradas nos mesmos, paga-se todo o seu valor. Adianta-se dinheiro para retira-las. Rua 24 de Julho, 60, 1.º, á Santos.

BAZAR DO CALHARIZ

= DE =

Carlos Duarte

Abriu este novo estabelecimento, filial da Kermesse Ideal, da Rua S. Paulo, 70 e 72, com um grande sortimento de Brinquedos, Utilidades, Quinquilharias, Objectos para brindes, Estatuetas, etc.

PREÇOS LIMITADOS

Não deixem de visitar esta casa

L. DO CALHARIZ, 17-A

EDIFICIO DA «LUCTA»

DRAGA

De colher, compra-se. Carta á agencia Eva. R. Retrozeiros, 147 E. X.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

CALÇADO, fatos, sobretudos, chapeus, sombrinhas, casacos, lãs, roupas brancas, fazendas e mobilias em todos os estilos, etc., tudo a

prestações

R. Antonio Pedro, 52

(a Almirante Reis)

UTIL A TODOS

Aconselhamos ás pessoas de regresso das termas e praias, que usem o magnifico preparado

A JUVENTUDE

unico que infalivelmente suspende a queda dos cabelos, recuperando imediatamente todo o seu brilho, vigor e beleza da mocidade, perdidos pelos tratamentos das aguas. A' venda em todas as casas de Lisboa e Porto.

Deposito geral

Drogaria Dias

Rua dos Fanqueiros, 342-344 — LISBOA

Beton de cimento

Compra-se amassador mecanico. Correspondencia á agencia Eva. R. Retrozeiros, 147 E. X.

Guindastes

A vapor, compra-se. Carta á agencia Eva. R. Retrozeiros, 147 E. X.

Só a casa J. Anão & C.ª, Lt.ª, Rua dos Fanqueiros, 376, 2.º, concerta bem maquinas de escrever.—Telefone N. 3536

ESTRANGEIRO

Dr. Conceição e Silva Junior
Rins, orgãos genito-urinarios
Das 10 ás 12 e das 3 ás 6
Aos sabados só das 10 ás 12
Rua do Ouro, 194, 1.º — Telef. C. 3812

LONDRES

—o o o—

Protesto DE 1400 operarios ferro viarios contra uma demissão

LONDRES, 4

Tendo o secretario da União Nacional dos ferro-viarios feito afixar na «gare» de mercadorias de Londres, sem prévio conhecimento da Companhia, uns cartazes da União, a Companhia demitiu-o imediatamente.

Em sinal de protesto, 1:400 ferro-viarios de três «gares» de Londres declararam-se em greve, retardando assim a partida dos vagons de mercadorias.—(H.)

Em Cantão continua a agitação

LONDRES, 4

O «Times» recebeu um telegrama de Hong Kong dizendo que as tropas de Cantão se apoderaram do porto internacional de Soua Teou e dominam a provincia de Kouang Toung.

Os partidarios de Tchen Tchiang Meng retiraram na direcção das provincias de Fou Kien e Kiangsi.—(H.)

Resultados das eleições municipais

LONDRES, 4

Nas eleições municipais em Londres, os conservadores obtiveram 938 lugares, os liberais 27, os trabalhistas 364 e os independentes 37. Os trabalhistas ganham 88, os conservadores perdem 57, os liberais 26 e os independentes 5.—(H.)

Churchill anunciou que o governo inglês decidiu levantar o embargo sobre os emprestimos para o estrangeiro, para os dominios e para as colonias.—(H.)

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
15.ª EPOCA—1925-1926
No escritorio da empresa, da 1 ás 6 horas da tarde, está aberta a assinatura livre para a proxima epoca de
15 CONCERTOS da
Orquestra Sinfonica Portuguesa
dirigida pelo maestro
PEDRO BLANCH

MOBILIAS Esmerada fabricação SOUSA E BRITO 182, Rua da Rosa, 190

CARTA DE PARIS

A queima de cartas de mulheres

PARIS, Outubro, 1925 — As nossas impressões para o «Diario de Lisboa», afastam-se hoje de apontamentos sobre Direito Penal, para serem o relato de um interessante encontro que tivémos ha dias.

E estas notas servem para o entrecho de uma novela e são o prologo da mesma, que vai aparecer sob o titulo de «Jeunesse finie».

Damo-las em primeira mão e só valem, pela copia:

Numa tarde morna de Paris, emquanto a multidão se contorcia «boulevards» abaixo, dissolvendo-se em caprichosa policromia pela Opera e Madalena, Dimitri Mareijkowski, o elegante escritor russo, que publicou «A morte e ressurreição dos Deuses», «O nascimento dos Deuses» e «Akhmatón, ou A Alegria do Sol», e que nas novelas que publica e ás quais Blasco Ibanez foi beber a inspiração dos seus livros, procurava assunto para uma novela, quando nos foi apresentado.

E' um velho russo, vestido de bombazina azul, e tendo na botoeira uma flôr amarela, simbolo do desespero; á amavel apresentação respondeu que ele estudava um tema, pois nesse noite, precisava fazer uma novela, para mandar para a Argentina, depois de traduzida do francês para o espanhol, por uma linda rapariga que o acompanhava e que era a sua secretaria.

Quando um homem chega a certa idade, é só, e vai fazer uma viagem, além de arrumar a papelada para a mais certa das eventualidade, a Morte, ou de tempos a tempos, destina uma longa noite, para reter-se rasgar e queimar as cartas de mulheres que tenha: um amigo nosso e, por acaso, companheiro dum troço de viagem, contou-nos o que com ele se passára, na ultima queima de cartas.

Ha cartas que se relêem com agrado, um sorriso nos labios e de alma alegre: ha periodos, que são a madrugada de dias passados, são o sol da nossa vida: um encontro marcado, uma promessa feita, e que a memoria relembra, num extase intimo, a recordar, a viver horas que não voltam: rasgam-se com saudade, lançam-se á chama, com pena, como quem queima ilusões!

Ha cartas ingenuas: a resposta a uma primeira carta: carta terna, atenciosa e cheia de duvida, que não ofende e antes agrada, sensibilisa e acalenta.

Ha cartas, arrancos de ciume, são a navalha aberta, a vingança escrita, o amôr-proprio ferido, ameaças fortes e sonoras, epistolas quentes, que se contorcem lutando quando se rasgam e dão á chama, que as consóme em grito de luz intensa, procurando queimar ainda, cujas cinzas torcidas, bramam ainda!

* * *

Correspondencia de mulheres de teatro, de senhoras casadas, simulando nomes e fingindo a letra, a enganar-nos, como o faziam aos maridos. Cartas a pedir dinheiro, ou veladamente com mil rodeios, com prometimentos, sob o pretexto de emprestimo, desde quantias minimas, com a epigrafe de uma necessidade, até ao pedido galante de notas para comprar flôres, o classico casaco de peles, um chapeu ou uma joia, que uma amiga vende por baixo preço.

Cartas de mulheres ilustradas, ironicas de amôr sensual, resentimentos delicados, faltas perdoadas, encontros a que se não foi: desalento, falta de confiança.

Cartas de *boas amigas*, pedindo um conselho, descrevendo a ultima traição do amante ou do marido, fotografias chagando falta de coragem para viver, desconsolo de situações tomadas por capricho ou por necessidade.

Epistolas cheias de graça e vida, scintilando paixão e amôr, odes maravilhosas ao Sonho, semeadas de gargalhadas claras e cristalinas, eco de almas, supostamente felizes, hinos de esperançadas existencias.

Um masso mais vai para as labaredas: liga-o uma fita côr de rosa: são cartas de uma garota apaixonada: uns dezoito anos, cheios de timido amôr, e de erros de caligrafia: ecos de simplicidade, letra feita a preceito terminando por um convencional, «muito atenta e veneradora e obrigada»...

Arde esse masso de continencia amorosa, cheio de fé e de paz de alvorada de uma vida e já outro masso se ábre para a destruição ao fogo: cartas de varias mulheres, assuntos de amôr, de trafego de beijos, de transfusão de sentimentos, de confissões de erros, de crimes, de inconfidencias a respeito de amigas, de irmãs, de cunhados, dos proprios filhos: mixto de tagarelice, de intriga, de infamia: bocados de Vida real, manchas de sangue, pedaços de almas perdidas, ocasos de dias malditos, horas más de creaturas honestas, pecados de gente havida por séria, crimes hediondos dos mais respeitaveis «charmeurs» da existencia... Os pedaços de papel, reviravolteiam sobre as brasas, fagulham a perder de côr, tornam-se negros, saltam e depois vão misturar-se com os outros, enegrecidos até que tomem a côr sem expressão das cinzas, que se vão aglomerando, como temerosas de tornarem a ter a Vida... das cartas!

Um maço ainda, e já é madrugada: liga-as uma fita azul, florida, como uma alma sem vontade: são umas duzias de cartas de letra certa, miúda, papel banal e bem aproveitado: tratamento de tu, findas com um «tua para sempre», que pelo texto se vê, ser uma hipocrisia.

Vão para a fogueira, sem um olhar de tristeza, nem de carinho: eram as cartas da primeira namorada do nosso amigo, do seu primeiro amôr casto: eram cartas, que antes do fôgo já as queimara um grande amôr e depois o esquecimento!

HERLANDER RIBEIRO

JOSÉ TANGANHO venceu... porque não queria deixar de ganhar o premio oferecido pela casa Bastos Silva L.da, Rua de S. Nicolau, 81, que é uma linda carteira com aplicações de prata.

O MAIOR SUCESSO da Exposição d'Artes Decorativas de Paris
Malas BASTOS SILVA, L.da R. S. NICOLAU, 81 Carteiras

FRANÇA

—o o o—

Painlevé LÊ a declaração ministerial em ambas as camaras

PARIS, 4

Painlevé declarou na Camara que a constituição do gabinete nada tem de misterioso, e explicou o que é a presente crise do franco, pensando ser indispensavel fazer uma tentativa de boa fé para encontrar uma solução susceptivel de continuar a ter a maioria da Camara.

Painlevé acrescentou não ter qualquer pensamento reservado de caracter pessoal, e que, se uma outra maioria deseja tomar conta do poder, diz, que faça conhecer os seus projectos de saneamento financeiro, e que se fórme, mas que seja uma maioria positiva.

—«Peço que examinem os nossos projectos; e se as soluções lhes parecerem más, digam-no-lo agora, e procurem outros homens; mas se o nosso caminho é o bom, sigam-no». — (H.)

Por 221 votos foi aprovada a moção de confiança

PARIS, 4

A Camara aprovou por 221 votos contra 189, a seguinte ordem do dia:

«A Camara, aprovando as declarações do governo e confiando nele para continuar, de pleno acordo com a maioria republicana, a politica de paz e de saneamento financeiro e regeitando qualquer acrescentamento, passa á ordem do dia». — (H.)

As interpelações sob politica geral

PARIS, 4

A declaração ministerial foi lida na Camara dos Deputados e no Senado.

O Senado validou a eleição de Caillaux para senador, pelo departamento de Sarthe.

A Camara iniciou a discussão das interpelações sobre a politica geral. — (H.)

Depois da reunião do grupo socialista, os srs. Paul-Boncour, Renaudel, Moutet e Vincent Auriol resolveram demitir-se de membros da comissão politica do grupo. — (H.)

A' saída da Camara, o sr. Painlevé declarou que o ministerio continuará no poder. — (H.)

MAX LINDER

Podemos dar uma grata noticia aos nossos leitores. Max Linder, o comico elegante, o actor genial que a morte acaba de arrebatar em plena gloria, vae aparecer nos nossos «écrans», na sua ultima produção, a deliciosa comedia burlesca «Os três mosqueteiros», «charge» engraçadissima á grande e celebre obra de Alexandre Dumas e em que Max se mostra um artista sem rival. Este belo «film» encerra a exibição das produções do elegantissimo comico que, infelizmente, nunca mais aparecerá num «écran» para alegria dos nossos olhos. Cabe á Empresa do Cinema Condes a gloria de ter adquirido «Os três mosqueteiros», que se estreiam já na proxima sexta-feira, depois de amanhã. No programa continua em exito «Sob duas bandeiras», reconstituição monumental das campanhas de Marrocos, com Priscila Dean.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE A 480$00 : FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, LOJA

Dr. ALBINO PACHECO
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o seu consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 h.—Telefone C. 535
Residencia—Telefone C. 2577

ULTIMAS NOTICIAS

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE—ás 8-45—HOJE
A TERRA DE PROMISSÃO
Duas cine-farças
Uma revista de actualidades

O CIRCUITO HIPICO NACIONAL

O cavaleiro José Tanganho

ganhou o primeiro premio

tendo morrido o cavalo do capitão Rogerio Tavares

Realisou-se hoje, no magnifico campo do «Jockey Club», no Campo Grande, a ultima prova do Circuito Hipico Nacional, constante de um galope de 500 metros, com três obstaculos: duas sebes de um metro, e um monte de pinheiros de 80 centimetros.

A chegada de Barbosa Godinho

A's 10 e 3 quartos da manhã chegou ao Campo Grande o civil Barbosa Godinho, que ficou desclassificado, por ter chegado mais de 24 horas depois do primeiro concorrente.

O cavalo de Rogerio Tavares

O cavalo do capitão Rogerio Tavares, que foi o primeiro a chegar a Lisboa e que, em virtude do cansaço, estava sendo cuidadosamente tratado no Hospital Militar Veterinario, no Campo Grande, começou ás primeiras horas da manhã a assustar os tratadores.

Por volta das 11 horas e meia, apesar de todos os esforços feitos pelos veterinarios e pelos tratadores, o «Emir» exalava o ultimo suspiro.

Quando teve a triste noticia, o capitão Rogerio Tavares chorou como uma criança, pedindo imediatamente que lhe guardassem a pele do animal.

A's primeiras horas da tarde, procedeu-se á esfola do cavalo, devendo a respectiva autopsia realisar-se ainda hoje.

—Cincoenta contos perdidos!—exclamou o oficial de serviço ao mostrar-nos o corpo descarnado do pobre animal.

O "Emir" e o "Favorito"

O «Emir», que tinha 11 anos e já entrára em muitas e rudes provas, ganhando varios premios, era um meio sangue arabe da coudelaria do sr. Ruy de Andrade. Era filho do «Resolution», que foi comprado na Siria pelos tenentes coroneis Martins de Lima e Serra.

O «Favorito»—o cavalo do civil José Tanganho—é espanhol, da Circunscrição de Esyga, de sangue anglo-hispano-arabe. E é curioso notar que é principalmente este tipo que a Comissão de Remonta tem criado nos ultimos tempos.

No campo do "Jockey Club"

A prova de hoje estava marcada para as três da tarde.

Mas, muito antes disso, já o vasto campo das corridas de cavalos do «Jockey Club» continha muitos milhares de pessoas e algumas dezenas de veiculos.

Espalhada, rapidamente pela cidade, a noticia da morte da montada do capitão Rogerio Tavares, se por um lado contristou muitas pessoas, e principalmente os meios militares, teve, porém, o condão de dar á prova de hoje um maior interesse, visto que surgia de novo a certeza do triunfo de José Tanganho—incontestavelmente o favorito de quasi toda a população.

Fala o capitão Palhoto

São três horas. No campo ainda não está nenhum dos concorrentes.

A comissão que ha-de classificar os vencedores é composta pelos srs. coronel Soares, tenente-coronel Manuel Latino, major Almeida, capitães Fernando Palhoto e Lucio Nunes, e tenente Teles.

O capitão Palhoto, emquanto não vêm os outros membros da comissão, conversa com o jornalista:

—Tem-se dito por aí que o Circuito foi uma prova de «mata-cavalos». Não têm razão os que assim pensam. Era uma prova dura? Não ha duvida. Mas o que se provou é que era uma prova exequivel.

—Mas morreram varios cavalos?

—Não foi a prova que os matou. Foram os «duelos» em que se exigiram dos cavalos velocidades fantasticas...

Um assistente observa:

—Vi passar os dois primeiros cavaleiros, na Povoa de Santa Iria. Chegaram a atingir vinte quilometros á hora...

A chegada de José Tanganho

Ouve-se o ruido de um motor. E sobre o campo, a poucos metros de altura, surge um «Wickers» — o 9 — da Amadora, tripulado por dois aviadores.

O avião executa, durante alguns minutos, varios vôos sobre o campo, sendo saudado pela multidão, que é cada vez maior, vendo-se entre ela muitas centenas de senhoras, quasi todas «tanganhistas».

A's três e meia vem da porta do campo, lá ao longe, um ruido de aclamações.

E' José Tanganho que chega, muito á vontade, a galope, no seu «Favorito», que apresenta um esplendido aspecto. A' sua volta vêm muitos cavaleiros.

O povo rodeia-o em aclamações. E quando José Tanganho, jaquêta e calção cinzentos, como o chapéu cordovês, chega junto das bancadas repletas de povo, o seu entusiasmo é delirante.

O cavalo mal se vê e o tronco de José Tanganho rompe dum mar de cabeças e de braços que se levantam numa apoteose entusiastica ao duro cavaleiro das Caldas da Rainha.

Ouve-se um clamor unisono:

—Viva José Tanganho! Viva o Tanganho!

As senhoras agitam os lenços e algumas atiram-lhe flôres.

No campo ha já muitos milhares de pessoas e algumas centenas de cavalos e veiculos de toda a naturesa — automoveis, trens, «sidecars» e «charrettes».

Os concorrentes militares

José Tanganho penetra na pista e, galopando muito bem, vai, entre grandes aclamações, para o local da partida da prova.

Pouco depois, entram no campo os concorrentes militares: o tenente aviador Brandão de Brito e o capitão J. da Silva Dias. Ha mais palmas e vivas.

A ultima prova do circuito

São 3,55. Os três concorrentes estão na pista, que é invadida pelo povo, apesar dos esforços da policia e dos bombeiros voluntarios.

No final da pista, num pequeno estrado improvisado, estão, além dos membros da comissão, o ilustre chefe do distrito, sr. dr. Filipe Mendes, o seu secretario, sr. Manuel Serras, e alguns jornalistas.

Dum lado e outro da pista, ha milhares de pessoas que novamente aclamam José Tanganho, quando, ás 4 horas em ponto, lhe é dado o sinal de partida.

Tanganho faz com a maior facilidade todas as provas, sendo muito vitoriado pelo povo que o rodeia aos vivas.

Depois fazem as tambem, provas sem qualquer esforço, o tenente Brandão de Brito, em primeiro logar, e o capitão Silva Dias, em segundo.

Ha mais vivas, mais lenços brancos a agitar-se.

A multidão rodeia os cavaleiros.

A banda da Escola Agricola da Paiã executa uma marcha triunfal.

Uma força de cavalaria da Guardx penetra no campo e faz varias evoluções.

O cortejo triunfal até á Camara

A multidão não abandona o seu idolo que, sorridente, agradece as saudações.

Só uma nuvem lhe tolda o olhar: a tristeza pela morte do «Emir».

Quando alguem, julgando que o alegrava, foi esta manhã á cocheira do José Jarro, no Lumiar, dar-lhe a noticia e parabens, José Tanganho respondeu:

—Não seja estupido! A não ser o capitão Rogerio, talvez ninguem sinta mais a morte do «Emir» do que eu...

E' que para homens como José Tanganho, nado e criado entre cavalos, um cavalo é um ente querido cujas dores e cuja morte impressionam tanto como as duma pessoa de familia. E, então, o «Emir»...

Mas, deixemo-nos de tristesas—e vamos á reportagem:

A's 5 horas da tarde, o cortejo triunfal pôz-se em marcha do Campo Grande.

A' frente vem o terno de corneteiros da Guarda Republicana. Depois, uma força de cavalaria tambem da mesma guarda, bombeiros voluntarios e municipais com as respectivas viaturas.

Os três vencedores, veem seguidos por algumas centenas de cavaleiros militares e civis.

E a fechar o cortejo, uma massa interminavel de gente—milhares de pessoas a juntar-se aos outros milhares de pessoas que, desde o Campo Pequeno até á Camara, aguardam os vencedores, para os aclamarem.

As ruas da Baixa estão pejadas de gente, havendo muitas casas embandeiradas. No largo do Pelourinho a multidão impede completamente o transito.

Os premios dos vencedores

Na Camara Municipal, onde o cortejo está chegando á hora de fecharmos o nosso jornal, entre delirantes aclamações, serão distribuidos os premios em dinheiro aos três vencedores.

O primeiro classificado, o civil José Tanganho, receberá 20 contos de réis; o tenente Brandão de Brito, 6 contos; e o capitão Silva Dias, 4 contos.

Além do premio de 20 contos, José Tanganho receberá outros no valor aproximado de 30 contos.

UMA FIGURA REPUBLICANA

O MONUMENTO

a França Borges

INAUGUROU-SE ESTA TARDE

Faz hoje dez anos que morreu França Borges, o vigoroso jornalista republicano, fundador de *O Mundo*, que tanto contribuiu para a implantação da Republica.

Solenisando este decimo aniversario — foi inaugurado, pelas quinze horas, na Praça Rio de Janeiro, hoje Jardim França Borges, o monumento erigido á memoria deste grande propagandista do ideal republicano, em cuja base se lê a seguinte legenda: *A França Borges. Do seu trabalho herculeo surgiu a Republica. Consagrêmos o lutador.*

* * *

O monumento, que é da autoria do escultor Maximiniano Alves, apresenta uma figura de mulher — simbolisando a Republica — tendo, numa das mãos, o jornal *O Mundo*. Ao alto, a efigie de França Borges — expressão energica de sonhador e lutador incansavel.

O acto da inauguração do monumento, presenciado por um numero avultado de populares, decorreu com brilhantismo. Presidiu o sr. dr. Costa Santos, presidente da Camara Municipal de Lisboa, tendo usado da palavra, enaltecendo a obra e a figura de França Borges, varios oradores. Magalhães Lima, velho jornalista, falou como representante da imprensa. Antonio Maria da Silva, representando o Directorio do Partido Republicano Português. O dr. Marques da Costa, em nome da Comissão Executiva da Camara Municipal. Todos estes oradores se referiram, com saudade e admiração, á figura de França Borges, recordando os tempos da propaganda e acentuando que a memoria do vigoroso jornalista deve ser considerada como que o fogo sagrado de todo o bom republicano — defendendo a Republica com a maxima sinceridade com que França Borges contribuiu para a sua implantação.

Quereis um fato em bom cheviote pronto a vestir por 200$00?!!!...
Ide á Rua dos Fanqueiros, 400, 1.º (junto á R. da Palma)
Completo sortido de fazendas para senhoras e homens ao preço das fabricas

POPELINES INGLEZAS
Finissimas para roupa de senhora e camisas de homem, imitando seda. 30 % mais baratas que no mercado!

FAZENDAS INGLEZAS
para fato de homem e vestidos de senhora. Mais de 500 padrões. Remessa directa de Inglaterra, em cortes, pelo correio.
Vendas a particulares.
The Anglo-Portuguese Trading C.º Ltd.
Rua do Caes de Santarem, 10, 1.º — Lisboa
Telefone C. 1845.

Centro Fotografico de Lisboa
LUIS ROSA
233, Rua da Prata, 235
Material fotografico dos melhores fabricantes, aos mais baixos preços do mercado.
Esta casa continua revelando gratuitamente todas as peliculas nella compradas.